

Produção audiovisual e representação

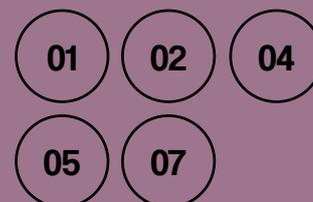
Neste roteiro pedagógico, propomos uma discussão sobre a forma como as trabalhadoras domésticas são normalmente representadas nas produções audiovisuais. Na maior parte das vezes em que aparecem na televisão, em novelas, séries ou filmes, elas são representadas através de estereótipos ou, como veremos, a representação das questões em torno do trabalho doméstico passa por um alinhamento com o ponto de vista dos interesses dos patrões e das patroas.

As atividades aqui propostas buscam levantar discussões sobre como as escolhas tomadas pelas realizadoras audiovisuais implicam em uma decisão de natureza ética. Propomos que, no campo da representação audiovisual, as decisões éticas assumem um caráter narrativo e estético e se expressam nas formas de observar, de filmar e de realizar a montagem. Nesse sentido, a ficha tem o propósito de desenvolver discussões críticas em torno das representações hegemônicas das trabalhadoras domésticas e construir uma discussão sobre diferentes possibilidades de representar a categoria, buscando estabelecer outros referenciais éticos e estéticos, que afirmem o respeito e o reconhecimento da dignidade das trabalhadoras domésticas, tantas vezes negados.

Objetivos

- *Analisar a forma como as trabalhadoras domésticas são representadas nas produções audiovisuais.*
- *Discutir questões de natureza ética e estética na representação das trabalhadoras domésticas em produções audiovisuais.*
- *Pensar como as questões de natureza ética em torno da representação no documentário e no audiovisual assumem dimensões estéticas e se expressam em escolhas narrativas na produção das obras.*

Roteiros pedagógicos que se relacionam:



Produção audiovisual e representação

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 2h30

- 30' MOMENTO 1.
Sensibilização
- 90' MOMENTO 2.
Digo às companheiras que aqui estão
- 30' MOMENTO 3.
Exercício de análise

Materiais necessários

01. Dispositivos para exibição do filme *Digo às Companheiras que aqui estão*.
02. Cópias impressas do texto “Questões éticas e estéticas na representação documental” (opcional).
03. Quadro ou cartolinas e utensílios para escrita.

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Ver o filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
- Assistir à reportagem “Babá de Tatiana tem medo de ser demitida por causa da nova PEC das Domésticas”, veiculada na Rede Globo, no programa Mais Você, em 2013. O link da reportagem está disponível no site do projeto.
- Ler o texto “Questões éticas e estéticas na representação documental”.

Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



Laudelina, Suas Lutas e Conquistas (2015). Filme produzido e realizado pelo Museu da Imagem e do Som de Campinas e Museu da Cidade de Campinas.

Doméstica (2012), de Gabriel Mascaro.

O quarto de empregada (1995), de Luci Alcântara.

A negação do Brasil (2000), Joel Zito Araújo.



Relações de classe em documentários brasileiros contemporâneos, artigo de Mariana Souto publicado na Revista Significação, São Paulo, v. 47, n. 53, 2020.

Doméstica, coletânea de textos sobre e a partir do filme *Doméstica*, organizada por Victor Guimarães.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro3

Passo a passo

Momento 1. Sensibilização

A educadora distribui um papel em branco para as participantes e pede que reflitam individualmente sobre a forma como cada uma lembra de ter visto trabalhadoras domésticas representadas na televisão, no cinema ou na internet. No papel, as participantes devem registrar pensamentos e palavras-chave que ajudem a explicar essas memórias e, também, nomes de filmes, telenovelas ou séries específicas que têm personagens trabalhadoras domésticas e que as marcaram. Explicar às participantes que a ideia não é escrever um texto, apenas utilizar o papel como suporte para registrar esses pensamentos. Após cinco minutos de reflexão individual, pedir que as participantes compartilhem suas memórias com o grupo. Na medida em que o grupo compartilha reflexões, a educadora anota as referências e as palavras-chave em duas colunas, que podem estar organizadas em cartolinas ou num quadro. As boas impressões e referências devem ser registradas em uma coluna e as ruins, em outra. É bom deixar um espaço entre as colunas, para que possam ser registradas memórias e referências ambíguas ou que não se encaixem necessariamente como boas ou ruins.

É possível que muitas participantes se lembrem de filmes específicos que tratam do tema e têm maior circulação, ou personagens de telenovelas que ficaram mais famosas, e outras tragam memórias mais difusas ou relatem a falta de memória sobre trabalhadoras domésticas no cinema e na televisão. A partir dessas referências, conversar com as participantes sobre como a construção em torno da identidade de um grupo social (seja esse grupo as trabalhadoras domésticas, as mulheres, a população negra, etc.) está sempre em disputa. Seguem reflexões que podem contribuir no debate.

- Segundo dados do IBGE (Pnad-c, 2022), aproximadamente 5,8 milhões de pessoas estão empregadas como trabalhadoras domésticas no Brasil. É a categoria que mais emprega mulheres em nosso país, principalmente mulheres negras, de baixa renda e com baixa escolaridade. A quantidade de personagens trabalhadoras domésticas de que temos memória corresponde a esse número? Ou seja, apesar do trabalho doméstico remunerado estar muito presente na sociedade brasileira, pouco se fala sobre essas trabalhadoras, pouco se discute sobre o seu dia a dia, suas condições de trabalho, possíveis conflitos que vivenciam, etc. Há um apagamento dessa população na literatura, nos filmes e na forma como contamos e conhecemos a história do nosso país.
- Nos últimos anos, como reflexo da longa trajetória de luta das trabalhadoras domésticas, dos movimentos de mulheres e da luta antirracista no Brasil, as trabalhadoras domésticas têm passado a ser representadas de outras formas no cinema e na televisão. Algumas destas produções críticas têm contribuído para a reflexão sobre o lugar do trabalho doméstico na sociedade em que vivemos. Mas apesar das mudanças, ainda convivemos com representações que reforçam estereótipos sobre esta categoria e um modelo escravocrata de sociedade. Em muitas obras audiovisuais, as trabalhadoras domésticas ainda aparecem apenas como serviçais sem identidade e sem subjetividade.

Momento 2. *Digo às companheiras que aqui estão*

Sessão e debate do filme *Digo às companheiras que aqui estão* (34min).

Momento 3. Exercício de análise

Depois da discussão livre sobre o documentário *Digo às companheiras que aqui estão*, apresentar ao grupo a reportagem “Babá de Tatiana tem medo de ser demitida por causa da nova PEC das Domésticas”, veiculada na Rede Globo, no programa *Mais Você*, em 2013. A educadora pode, também, levar outra reportagem ou conteúdo que considerar interessante para o debate. Após a exibição, conduzir um momento de discussão a partir das seguintes questões:

- Quem é a protagonista da história que está sendo contada por essa reportagem?
- A quem a reportagem se destina e com quais questões ela se preocupa?
- A ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas é vista como algo positivo ou negativo?
- Que título poderia ser formulado para dar ênfase à trabalhadora doméstica e não à patroa?
- Quais diferenças é possível perceber em relação à representação das trabalhadoras domésticas no documentário *Digo às companheiras que aqui estão* e nesta reportagem?

Ao final da aula ou oficina, o texto “Questões éticas e estéticas na representação documental”, disponível neste roteiro, pode ser distribuído entre as participantes para leitura posterior.

Questões éticas e estéticas na representação documental

O que é a realidade? Como sabemos que o que vemos corresponde à realidade? De maneira introdutória, talvez fosse o caso de dizer que, se achamos que aquilo que vemos se adéqua à realidade, dizemos que é verdadeiro. Se, por qualquer razão, as coisas parecem não coincidir com o que entendemos por real, pensamos estar diante de algo falso. No cinema, habituamo-nos a fazer uma separação bastante antiga entre o que seria mentira e o que seria verdade, ou seja: entre ficção e documentário. Ficção seria tudo aquilo que é resultado de uma invenção, da imaginação, da fantasia, de coisas que não existem no mundo, mas encontram um lugar nele ao serem criadas. O documentário, por sua vez, é o filme que lida com as coisas do mundo, com a realidade, com aquilo que continua a existir quando saímos da sala de cinema, desligamos a televisão ou fechamos a janela de vídeo do *YouTube*, da *Netflix*, das outras plataformas.

No documentário, quando estamos diante da imagem de uma pessoa, estamos diante de alguém que existe no mundo e a circulação da imagem pode afetar a sua vida de diferentes formas, por isso há uma grande responsabilidade em representar uma pessoa. É interessante pensar que quem assiste a um filme muitas vezes conhecerá aquela pessoa que vê pela forma como ela é representada. Pensemos, então, em uma coisa óbvia, mas que muitas vezes esquecemos. Se essas imagens e sons existem num filme é porque alguém as realizou. Elas chegam até nós justamente porque alguém as filmou, teve o trabalho de fazer a montagem e elas são o resultado visível de um encontro e de uma tomada de decisões sobre o que e como mostrar. As imagens são um registro do que foi, de algo que existiu no mundo, mas elas são também um testemunho, um ponto de vista. O documentário é uma representação, um ponto de vista da realidade, um testemunho sobre o mundo através de imagens e sons. E esse processo de representar alguém envolve questões de natureza ética, estética e política. Há um grande poder envolvido em filmar as outras pessoas e em montar as imagens, porque isso implica em definir a forma como elas serão vistas.

As pessoas que normalmente vemos falando sobre a história do país, sobre as dinâmicas sociais, fazendo análises e reflexões sobre os acontecimentos não são trabalhadoras domésticas. A imagem hegemônica da pessoa que explica processos e dinâmicas sociais talvez seja a de um professor, de um economista, de um cientista político, enfim, de um especialista, comumente um homem, explicando as coisas com edifícios empresariais ou uma estante de livros ao fundo. Às trabalhadoras domésticas é reservado o papel de serem pessoas sobre quem se fala. E, muitas vezes, quando se representa alguma questão relacionada a essa categoria, os registros audiovisuais assumem o ponto de vista dos patrões e das patroas.

No período de elaboração do Projeto de Emenda Constitucional (PEC) das Domésticas, entre 2012 e 2013, por exemplo, uma questão central como a conquista de novos direitos para as trabalhadoras domésticas foi na maior parte das vezes representada pela mídia como um custo para os patrões e as patroas ou como um risco para o emprego das trabalhadoras domésticas. Há nesse tipo de escolha uma identificação e um compromisso com uma das partes da relação de trabalho e, de maneira mais ampla, a ideia de que conquistar direitos é uma coisa que acabará por prejudicar as trabalhadoras. Mas há outros elementos que se colocam em questão e talvez seja o caso de pensar que as trabalhadoras domésticas não têm a sua humanidade reconhecida e não são representadas como pessoas como os seus patrões e patroas.

Vejamos uma reportagem de 2013 no programa *Mais Você*, da Rede Globo, sobre a PEC das Domésticas. O título da matéria é “Babá de Tatiana tem medo de ser demitida por causa da nova PEC das Domésticas”. Para além da campanha, que faz parecer que a ampliação dos direitos trabalhistas da categoria é algo negativo e preocupante, o título nega a Sílvia Márcia, que trabalha como babá na casa de uma família, o direito de ser tratada pelo nome. Na reportagem, o que lhe foi atribuído como identidade é ser “babá de Tatiana”, o que é da ordem do disparate porque nem sequer é de Tatiana que ela cuida. Um título como esse, extrema-

mente preocupado com a patroa e nada preocupado com a trabalhadora, nem sequer enxerga a trabalhadora doméstica como uma pessoa. Na verdade, ela é tratada como se fosse propriedade de outra pessoa. Há uma grande violência nesse gesto, que remete a um passado de escravidão e violência colonial ao qual o trabalho doméstico está relacionado. Mas uma reportagem como essa não é exatamente uma exceção, é mais uma instância de violência contra as trabalhadoras domésticas que, historicamente, tiveram os seus direitos, o seu valor e a sua dignidade negados.

Isso nos coloca frente a uma questão complexa, que devemos tomar como um desafio permanente no trabalho de analisar e produzir conteúdos audiovisuais. Trata-se de uma questão de natureza ética mas que se expressa, quando filmamos e quando montamos, através de uma dimensão narrativa e estética. Como as produções audiovisuais podem reproduzir violência ou, em contrapartida, interromper um ciclo de violência?

Em *Digo às companheiras que aqui estão* (2022), havia desde o princípio a preocupação de realizar um filme em que o discurso de Lenira Carvalho fosse central. O filme se insere no grupo de produções audiovisuais que têm um compromisso com estabelecer uma ruptura com as formas de representação hegemônicas que negam a palavra às trabalhadoras ou concedem um espaço periférico às suas falas. Quando filmamos com Lenira, conhecíamos a sua história, sabíamos das importantes contribuições da sua atuação na luta pelos direitos das trabalhadoras e pela democracia no Brasil. Então, queríamos ouvi-la falando sobre a sua história de vida, mas, principalmente, que ela compartilhasse conosco as suas reflexões sobre a sociedade brasileira, os desafios para a

construção da democracia e o lugar do trabalho doméstico nessa sociedade. O filme definiu um regime de escuta, de diálogo, que pudesse fazer ecoar o discurso de Lenira.

Há também, na experiência que um filme pode proporcionar a quem o assiste, outros elementos que não passam somente pela fala, pelo discurso construído a partir das palavras. O audiovisual tem uma série de potencialidades que podem ser exploradas através das imagens e dos sons e da articulação de imagens e sons. Em uma sequência de *Digo às companheiras que aqui estão* (2022), Lenira Carvalho conta, por exemplo, que as trabalhadoras domésticas não podiam comemorar seus aniversários porque, como elas não tinham casa, não tinham um espaço onde pudessem receber as amigas para celebrar mais um ano de vida. Em seguida, ela conta que a associação das trabalhadoras domésticas, que precede a criação do Sindicato, organizou uma ida à praia em um domingo. Um ônibus pegou as trabalhadoras e as levou à praia num dia de folga. Aquilo representava uma alteração radical na vida das trabalhadoras, podendo viver um dia livre sem as preocupações do trabalho. Queríamos que fosse possível imaginar esse dia de piquenique, essa ida à praia, esse momento de encontro e partilha de companheiras e amigas. Por isso, ao definir a montagem dessa sequência no filme, estabelecemos um longo trecho somente com imagens fotográficas e a criação de uma atmosfera sonora que remete a um passeio na praia. Na sequência, há trechos sem qualquer fala, nos quais é possível adentrar nessas imagens e ouvir os sons de piquenique e as ondas do mar. As imagens da praia são imagens de liberdade, são o registro de um grupo de trabalhadoras que não tinha direito a tempo para si, para suas vidas, e o passeio representa um sopro de liberdade em meio ao cotidiano do trabalho.

